

## Bebê índio resgata esperança

**A indiazinha Putjawa é a nova promessa dos avás-canoeiros, sob ameaça de extinção**

RUBENS SANTOS

BRASÍLIA — O nascimento da indiazinha Putjawa na tribo dos avás-canoeiros trouxe esperanças para os indigenistas: ela é uma das únicas promessas de futuro para um grupo de 13 índios que convive com a ameaça de extinção ao norte do Estado de Goiás, entre o rio Maranhão (nascente do Tocantins) e a serra da Mesa. Os avás-canoeiros, a partir de 1961, depois de sofrer grande massacre, começaram a fugir dos brancos, espalharam-se em pequenos grupos e interromperam deliberadamente o processo de criação de sua tribo, com medo da chamada "colonização".

Filha de Iawi e Thuya, Putjawa — que tem um mês — é irmã de Trumak, que há dois anos despertou o interesse de pesquisadores e da imprensa. Trumak foi a primeira criança que nasceu na tribo depois da década de 60, e seu nascimento significou o fim da aventura de um grupo numeroso — embora não haja dados oficiais sobre o tamanho da população dos avás-canoeiros —, descoberto em 1770 e dizimado pelo avanço da ocupação

do rio Tocantins. Tanto Trumak quanto Putjawa são provas concretas de que esses índios se esforçam para resistir e permanecer como grupo cultural diferente, uma vez que não sabem falar português.

Desde 1983, quando Iawi e sua mulher Thuya, a sogra Matcha e sua irmã Naquatcha chegaram à reserva da serra da Mesa, muita coisa mudou. Até essa época, eles fugiam dos conflitos com os homens brancos e das lembranças dos massacres de aldeias inteiras, como o ocorrido entre 1957 e 1960 em Praia Grande, próximo da cidade de Capinaçu, em Goiás, ou o da Mata do Café, perto do rio Carneiro, onde a matança foi tão grande que por pouco os avás-canoeiros não viraram lenda, entre 1961 e 1963.

A partir desse período, os que sobraram passaram a fugir. As crianças foram evitadas para não dificultar a correria pelas matas. Embora não existam ainda estudos oficiais sobre o assunto, há informações de que o crescimento da tribo foi interrompido por um processo de aborto: as mães esmagavam os fetos em seus ventres.

### FUGA

O nascimento de Putjawa foi cercado de cuidados especiais da Fundação Nacional do Índio (Funai) em seu posto mé-

dico instalado em Gurupi (GO). Apesar da vigilância sobre Thuya, os funcionários da Funai levaram um susto e quase acionaram a polícia em 11 de junho, quando ela desapareceu da Casa do Índio. Thuya sentiu que estava na hora do parto e trocou, às escondidas, o obstetra Tadeu e sua anestesia pela folhagem ainda úmida das matas próximas. De cócoras e assistida pela tia Naquatcha, a índia deu à luz a Putjawa. Eram 9 horas, e a 200 metros dali um grupo tentava localizá-la.

"Todo mundo acreditou que ela fugira para não ter a criança", lembra Nilvon de Carvalho e Silva, diretor da Funai para a região Centro-Oeste. "Mas acabou sendo um dia histórico o ressurgimento de uma nação que estava praticamente exterminada", afirma. As ameaças ao grupo parecem, no entanto, não ter acabado. Segundo o coordenador de índios isolados da Funai, Sidney Possuelo, há indícios da existência de pelo menos 30 avás-canoeiros, ainda arredios, que perambulam pela região a ser em breve inundada pelo reservatório da hidrelétrica de serra da Mesa, em fase de construção pelas Furnas Centrais Elétricas. Até agora, Possuelo não conseguiu apoio nem recursos para montar uma expedição de contato e impedir que eles sejam tragados por um grande lago.



Thuya amamenta Putjawa. comemoração

## Avás-canoeiros perdem identidade

BRASÍLIA — Pouco a pouco os avás-canoeiros estão substituindo palavras de seu idioma — como cananoa (mandioca) e oca (casa) — por outras em português. A cada dia eles perdem seus hábitos e costumes, como o de andar nu — agora vestem roupas desengonçadas, de cores contrastantes. "O que está ocorrendo é um etnocídio", alerta Mônica Pechincha, antropóloga que há dois anos tenta acompanhar a história e o comportamento dessa tribo sem caciques nem pajés, incapaz de resistir à destruição.

Um dos exemplos da perda de identidade é justamente aquele que, por um capricho da história, se prepara para assumir o papel de líder: Puthkawa. Ele tem 17 anos e circula pela reserva com botas de fazendeiro, calça jeans justa, colete sobre camisa amarelada de mangas curtas e um chapéu vermelho de feltro.

Entretanto, apesar dessas roupas, ele não perdeu suas preocupações com o futuro dos avás-canoeiros: "Vou estudar mais, colocar no papel nosso idioma, que já estou esquecendo, e evitar uma dependência muito grande da Funai", afirmou. Ele nunca se deparou com um linguísta ou alguém que cumprisse a missão de preservar sua cultura. Os velhos não ensinam o idioma para os mais novos.

Betty Hirata/AE